

## Capítulo 07

### TRANSTORNOS ALIMENTARES RETRATADOS EM OBRAS AUDIOVISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CAMPANHA CINE HEALTH: “O MÍNIMO PARA VIVER”

LUANA DE OLIVEIRA GUERRA ZORZIN<sup>1</sup>

GABRIEL MOISÉS SIQUEIRA LIMA<sup>1</sup>

THAISA AVELINO SOARES<sup>1</sup>

NATHÁLIA MENESES NEVES<sup>1</sup>

MARIA EDUARDA DE LISBOA MARQUES COSTA<sup>1</sup>

NORMA KIMBERLY GUILLEN BALAREZO<sup>1</sup>

ISABELLA ANGELINA DE OLIVEIRA E SILVA<sup>1</sup>

DANIELA DA SILVA FONTES SANTOS<sup>1</sup>

SABRINA BRITO SAVEGNAGO<sup>2</sup>

PRISCILA KORITAR<sup>3</sup>

1. Discente - Faculdade de Medicina Santa Marcelina, aluna de medicina do sétimo semestre.

2. Médica pela faculdade de Medicina Santa Marcelina

3. Faculdade de Nutrição pela Faculdade de Saúde Pública-Universidade de São Paulo.

*Palavras-Chave:* Anorexia nervosa; Comportamento alimentar; Educação médica.

## INTRODUÇÃO

Etimologicamente, o termo “anorexia” significa a ausência de *orexis*, ou seja, falta de apetite. Como o próprio nome sugere, a anorexia nervosa (AN) se caracteriza por ser um transtorno no qual o indivíduo recusa a alimentar-se. Ela ocorre em virtude de uma alteração da percepção subjetiva do sujeito em relação ao seu próprio peso e forma corporal. Sendo a busca por um emagrecimento excessivo, muitas vezes provocada por vômitos autoinduzidos, exercícios em demasia, uso de anorexígenos e laxantes (APA, 2013).

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID 11), tal patologia pode ser definida de duas formas: uma rápida perda na balança, de mais de 20% do peso corporal em um total de 6 meses, ou um índice de massa corporal abaixo de 18,5 (APA, 2013). Além disso, é um transtorno que atinge o sexo feminino em 95% dos casos, especialmente entre a faixa etária de 14 a 17 anos. Assim, ao afetar não só a saúde mental dos pacientes, como trazer repercussões em seu bem-estar físico, o estudo e compreensão da anorexia se fazem de extrema importância dentro dos serviços de saúde (FERREIRO, 2009).

Contudo, apesar da importância do tema abordado, são escassos os estudos que dimensionam tal contexto, especialmente no Brasil. Ademais, a maioria dos cursos voltados para a área da saúde não interpelam o tema em sua complexidade, o que faz com que os estudantes, e futuros profissionais, apresentem dificuldade de desenvolver e tratar do assunto de maneira adequada com seus pacientes.

Dessa forma, a atividade utilizando o filme “O mínimo para viver” surgiu como uma forma de retratar a temática, permitindo posteriormente um debate com os alunos interessados. Tal dinâmica teve o objetivo de ampliar os co-

nhecimentos dos estudantes acerca da anorexia nervosa e orientar a realização de intervenções que devem ser tomadas dentro dos serviços de saúde, fomentando um olhar integral aos indivíduos.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

A atividade ocorreu em dois momentos, o primeiro com a proposta de familiarizar os participantes dentro dos transtornos alimentares, sobretudo dentro da anorexia nervosa, com todos os dramas e repercussões que a doença causa na vida das pessoas portadoras, e o segundo com uma discussão mediada por uma palestrante mestra e doutora em nutrição, a fim de discutir de forma crítica as dificuldades vivenciadas pelas pessoas acometidas com a anorexia nervosa e dar embasamento para que esses participantes tenham um olhar mais crítico dentro de suas respectivas práticas profissionais em um cenário de saúde pública brasileira, possibilitando melhores condições aos discentes para discutir e planejar abordagens eficientes de lidar com a complexidade do problema.

Para a realização da primeira etapa do processo, foi transmitido aos participantes o filme “O mínimo para viver”, por meio da plataforma *Netflix party*, obra que retrata de maneira realística o cotidiano de pessoas que possuem anorexia nervosa, aproximando o participante ao drama do ponto de vista do indivíduo que possui o quadro psiquiátrico e do ponto de vista médico e familiar, demonstrando as repercussões que a doença causa na vida de todos os envolvidos. Posteriormente, houve uma discussão remota via plataforma *Zoom* mediada pela palestrante convidada, que trouxe à roda de conversa o debate dos aspectos clínicos da anorexia, tratamento e o acompanhamento realizado pelo sistema público de saúde, além de ter sido aberto um espaço para que os participantes pu-

dessem sanar todas as suas dúvidas a respeito da problemática.

A divulgação da atividade foi feita por meio das plataformas de mídias sociais, tais como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, e os alunos interessados em participar preencheram um formulário de inscrição, o qual continha perguntas que analisavam os conhecimentos prévios dos participantes sobre a anorexia nervosa. Além disso, para obter resultados comparativos e analisar os impactos da atividade, foram recolhidos formulários antes e depois da campanha. No primeiro formulário, foi recolhida a manifestação de interesse e os conhecimentos prévios, já no segundo, avaliaram-se quais as contribuições que a atividade trouxe para os participantes.

## DISCUSSÃO

Dividida em dois momentos, a campanha teve início com o filme “O mínimo para viver” - que, através do drama, introduziu aos participantes o tema da anorexia nervosa; posteriormente, seguiu com uma discussão ministrada por uma mestra e doutora em nutrição, capaz de fomentar um vocabulário mais técnico e científico a respeito do transtorno. A palestra ocorreu de forma remota pela plataforma Zoom com a participação de estudantes de medicina que posteriormente participaram da discussão - por meio de dúvidas pelo chat virtual ou ligando o microfone.

Antes das atividades, os participantes foram questionados a respeito de seus conhecimentos sobre a anorexia nervosa, como sua definição, alguns de seus sintomas, a relação do paciente com sua família durante o tratamento; após o filme, eles também foram questionados, então, se era possível identificar alguns sintomas do distúrbio alimentar e se o filme e a palestra co-

laboraram para que eles aprendessem mais a seu respeito.

A partir da discussão dos participantes, foi possível avaliar e entender melhor como a anorexia nervosa é tratada pela sociedade. Ainda é significativa a quantidade relativamente grande de pessoas que desconhecem sobre o transtorno - mesmo os participantes sendo graduandos de curso superior da área de saúde. Isso implica em alguns fatores, como a ignorância a respeito do distúrbio alimentar e o preconceito com os pacientes - se tratando de um transtorno psiquiátrico, não é raro aparecerem opiniões rasas a respeito disso, relativizando os sintomas, duvidando da falta de apetite e subestimando a fatalidade desse transtorno.

O pouco conhecimento sobre o transtorno alimentar colabora para que ele seja pouco discutido, criando-se um ciclo de desinformação. Os transtornos alimentares, de forma geral, são de difícil diagnóstico pelas pessoas e isso se deve a vários motivos, tais quais a cultura do corpo ideal - em que um paciente com anorexia que ainda não tenha muitos sintomas aparentes (como a perda de peso propriamente dita) pode ser visto por muitos apenas como alguém que se preocupa com a própria imagem e pelas suas manifestações mais precoces acontecerem na infância e na adolescência (FERRERO, 2009).

A partir da análise de um caso de uma jovem de 16 anos, o artigo científico “Anorexia Nervosa em Adolescentes: Visão Geral”, escrito por Kathleen Peterson, professora de enfermagem na Universidade Estadual de Nova York *Brockport*, e por Rebecca Fuller, enfermeira clínica do *Golisano Children's Hospital*, aborda essa reflexão. O artigo indica que a anorexia nervosa tem uma incidência de 0,3% em meninos e meninas, tendo a idade de início de 12,3 anos como mediana. O artigo complementa mostrando alguns fatores de risco para o transtorno, como o sexo feminino sendo um fa-

tor biológico, o perfeccionismo como um fator psicológico, e a vivência dentro de uma cultura que valoriza a magreza como fator cultural. É importante notar a relação desses fatores, por exemplo: a pressão estética que a sociedade patriarcal impõe (sendo esta demasiadamente maior no gênero feminino) implica na busca por um corpo ideal (estimulando um perfeccionismo nessas jovens) e estes, somados ao sexo biológico feminino da paciente, potencializam o desencadeamento de comportamentos anoréxicos (PETERSON & FULLER, 2019).

Outro ponto que merece destaque é o elo entre os pacientes com transtornos alimentares (TA) e as pessoas de seu círculo social mais íntimo, como a família - relação essa melhor explicada pelo artigo “Percepção do Apoio Social e Configuração Sintomática na Anorexia Nervosa”, escrito pela mestra e doutora em psicologia Carolina Leonidas e por Manoel Antônio dos Santos, professor titular da Universidade de São Paulo (USP) - onde é docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP) (LEONIDAS & SANTOS, 2020). O estudo investigou a relação de uma mulher de 24 anos diagnosticada com anorexia nervosa (AN) e sua família ao longo do diagnóstico e tratamento do transtorno. A partir disso, o artigo identificou dificuldade de vínculo entre as duas partes, com sofrimento por parte da paciente devido à falta de apoio familiar somada à expectativa e cobranças excessivas a respeito de seu tratamento, com consequente isolamento social da paciente. O quadro do transtorno já é suficiente para causar abalos psicológicos e piora na qualidade de vida da paciente, o que colabora para prejudicar a dinâmica familiar devido a intensa carga emocional acerca desse TA. No caso relatado, a paciente, aos 14 anos, já havia feito restrições alimentares, além do uso de laxantes, diuréticos e atividades físicas extensas;

isso agravou seu quadro, o que a fez ser internada por 7 meses; posteriormente, ela ainda foi internada outras 3 vezes. A paciente relata que sua relação com a família era melhor e mais estável antes do diagnóstico de TA, e que ouvia de seus familiares que seus sintomas eram “definitivamente uma frescura”. As anotações psiquiátricas e nutricionais do caso apontam que os vômitos induzidos pela paciente eram mais comuns aos fins de semana, quando ela voltava para sua cidade e se hospedava na casa de seus pais. Além da ingestão maior de calóricos nesse período, os frequentes vômitos coincidem com maior contato com a rede familiar: o artigo mostra que as famílias com paciente acometido por TA possuem um padrão de comportamento, com dinâmicas marcadas por conflitos, além do sentimento de culpa e de perda; também é citado um estudo que aponta que as jovens com AN e seus pais têm percepções diferentes em relação ao tamanho da rigidez familiar, indicando que as filhas definem seu núcleo familiar como pouco comunicativo e menos flexível. Em suma, todo abalo emocional que o transtorno acomete ao paciente também atinge seu núcleo familiar, sendo comuns conflitos e relações mais distantes entre os dois entes (SCHMIDT & MATA, 2008).

Essa dinâmica acaba por prejudicar ainda mais o quadro do paciente, sobretudo na adesão ao tratamento. Na atividade, algumas das perguntas aos participantes abordaram esse assunto: “Você acha que a família interfere em como cada um lida com esse distúrbio, no processo de reconhecimento, aceitação e tomada de atitude?” e “Você acredita que a conversa em grupo pode ajudar a pessoa com esse transtorno a aceitar ou até mesmo lidar com esse distúrbio?”.

Com isso, a campanha obteve resultados importantes, sendo perceptível o aumento de interesse dos participantes na temática após ela

ter sido relacionada com uma obra audiovisual. Sendo possível demonstrar a qualidade da atividade de introduzir um assunto pouco discutido a partir de um filme, informando aos participantes de uma forma dinâmica, cultural e que os fizessem envolver com a personagem principal (que era uma paciente com anorexia nervosa).

Apesar de eficaz na introdução e discussão acerca do tema, a campanha enfrentou algumas barreiras. Entre elas, a dificuldade técnica de fazer com que os participantes assistissem ao filme: sua transmissão foi programada para acontecer na plataforma ‘*Netflix Party*’, entretanto, essa não estava funcionando um dia antes da atividade; então, os organizadores tiveram que alertar aos participantes a respeito do problema. Soma-se a isso outra dificuldade técnica, na segunda atividade: a palestra com a doutora em nutrição foi planejada para acontecer através da plataforma *Zoom* com um determinado link da reunião - que foi divulgado previamente -; todavia, o *link* limitava a reunião em 40 minutos, sendo necessário, de última hora, que a própria palestrante usasse sua conta da plataforma para que não houvesse interrupções durante a conversa com os participantes.

Por fim, a atividade obteve muitos pontos positivos, como a palestrante convidada ter um

vasto currículo dentro da área de nutrição, sendo autoridade no assunto. Além disso, foi gratificante a participação ativa dos alunos pois, a atividade sendo feita de forma remota, não é rara que tenha baixa adesão; também se ressalta que muitos desses participantes eram de outras faculdades, demonstrando alcance maior do que o esperado. O *feedback* após a campanha também foi muito positivo, já que muitos participantes elogiaram e se interessaram nos materiais complementares sobre o tema, os quais foram disponibilizados por *e-mail*.

## CONCLUSÃO

Diante da atividade proposta, foi possível perceber seu impacto positivo nos estudantes, que ampliaram seus conhecimentos sobre a anorexia nervosa ao agregar um olhar mais humanizado e uma visão integral sobre os pacientes que sofrem esse transtorno. Ademais, ao trazer as discussões em torno do tema de forma mais didática e prática, foi possível uma reflexão mais ativa, com a participação e conhecimentos prévios que os estudantes possuíam. Dessa forma, percebeu-se que campanhas, como esta, são fundamentais para a formação dos alunos, devendo fazer parte do currículo acadêmico das faculdades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Association; 2013.

FERRERO, A. Reflexões sobre a anorexia. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 1, p. 47, 2009.

PETERSON, K. & FULLER, R. Anorexia nervosa in adolescents. *Nursing*, v. 49, n. 10, p. 24, 2019. <https://doi.org/10.1097/01.NURSE.0000580640.43071.15>.

LEONIDAS, C. & SANTOS, M.A. Percepção do Apoio Social e Configuração Sintomática na Anorexia Nervosa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e207693, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207693>.

SCHMIDT, E. & MATA, G.F. Anorexia nervosa: uma revisão. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 387, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200006>.